

*A Casa das
Jovens Viúvas*

Amosra

Amostra

AZADEH MOAVENI

A Casa das
♦ A vida das mulheres no Estado Islâmico ♦
Jovens Viúvas



ALTA CULT
EDITORA

Rio de Janeiro, 2021

A Casa das Jovens Viúvas

Copyright © 2021 da Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli.
ISBN: 978-85-5081-563-3

Translated from original Guest House for Young Widows. Copyright © 2019 by Azadeh Moaveni. ISBN 978-0-399-17975-4. This translation is published and sold by permission of Random House an imprint of Penguin Random House LLC, the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli, Copyright © 2021 by Starlin Alta Editora e Consultoria Eireli.

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

A editora não se responsabiliza pelo conteúdo da obra, formulada exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas Registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como Marca Registrada e/ou Comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2021 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

Erratas e arquivos de apoio: No site da editora relatamos, com a devida correção, qualquer erro encontrado em nossos livros, bem como disponibilizamos arquivos de apoio se aplicáveis à obra em questão.

Acesse o site www.altabooks.com.br e procure pelo título do livro desejado para ter acesso às erratas, aos arquivos de apoio e/ou a outros conteúdos aplicáveis à obra.

Suporte Técnico: A obra é comercializada na forma em que está, sem direito a suporte técnico ou orientação pessoal/exclusiva ao leitor.

A editora não se responsabiliza pela manutenção, atualização e idioma dos sites referidos pelos autores nesta obra.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

M687c	Moaveni, Azadeh
A Casa das Jovens Viúvas: A vida das mulheres no Estado Islâmico / Azadeh Moaveni ; traduzido por Wendy Campos. - Rio de Janeiro : Alta Books, 2021.	
352 p. ; 16cm x 23cm.	
ISBN: 978-85-5081-563-3	
1. Livro-reportagem. 2. Mulheres. 3. Vida. 4. Estado Islâmico. I. Campos, Wendy. II. Título.	
2021-3338	CDD 070.43 CDU 070.4

Elaborado por Wagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410



Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br — altabooks@altabooks.com.br

Produção Editorial
Editora Alta Books

Gerência Comercial
Daniele Fonseca

Editor de Aquisição
José Rugeri
acquisition@altabooks.com.br

Produtores Editoriais
Illysbelle Trajano
Maria de Lourdes Borges
Thales Silva
Thiê Alves

Marketing Editorial
Livia Carvalho
Gabriela Carvalho
Thiago Brito
marketing@altabooks.com.br

Equipe de Design
Larissa Lima
Marcelli Ferreira
Paulo Gomes

Atuaram na edição desta obra:

Tradução
Wendy Campos

Copidesque
Ana Gabriela Dutra

Capa
Paulo Gomes

Diretor Editorial
Anderson Vieira

Coordenação Financeira
Solange Souza

Assistente Editorial
Caroline David

Equipe Ass. Editorial
Brenda Rodrigues
Luana Rodrigues
Mariana Portugal
Raquel Porto

Equipe Comercial
Adriana Baricelli
Daiana Costa
Fillipe Amorim
Kaique Luiz
Victor Hugo Moraes
Viviane Paiva

Revisão Gramatical
Thaís Pol
Hellen Suzuki

Diagramação
Joyce Matos

 **Ouvidoria:** ouvidoria@altabooks.com.br

Editora afiliada à:



abdr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
DIREITOS REPROGRÁFICOS

ASSOCIADO



SUMÁRIO

PRÓLOGO

ENTRE ESTAÇÕES

Primavera de 2007, Le Kram, Túnis 1

PARTE I: HERANÇA DE ESPINHOS



NOUR

Primavera de 2007, Le Kram, Túnis 15

ASMA

Verão de 2009, Raqqa, Síria 20

LINA

Verão de 2000, Weinheim, Alemanha 23

Primavera de 2010, Beirute, Líbano 28

EMMA

2007, Frankfurt, Alemanha 34

NOUR

Janeiro de 2011, Le Kram, Túnis 43

ASMA

Janeiro de 2011, Raqqa, Síria 57

RAHMA E GHOUFRAN

Junho de 2012, Sousse, Tunísia 64

NOUR

Setembro de 2012, Le Kram, Túnis 71

LINA	
<i>Início de 2014, Frankfurt, Alemanha</i>	76
EMMA/DUNYA	
<i>Primavera de 2012, Frankfurt, Alemanha</i>	78
EMMA/DUNYA	
<i>Verão de 2014, Frankfurt, Alemanha</i>	83
SABIRA	
<i>Outubro de 2013, Walthamstow, Nordeste de Londres</i>	89
PARTE II: GAROTAS DESAPARECIDAS	
—————•••—————	
SHARMEENA, KADIZA, AMIRA E SHAMIMA	
<i>Dezembro de 2014, East London</i>	105
PARTE III: CÂMBIO, DESLIGO	
—————•••—————	
ASMA	
<i>2012–2013, Raqqa, Síria</i>	123
NOUR	
<i>Outono de 2012, Le Kram, Túnis</i>	128
RAHMA E GHOUFRAN	
<i>Verão de 2014, Sousse, Tunísia</i>	143
EMMA/DUNYA	
<i>Fevereiro de 2014, Istambul, Turquia</i>	145
LINA	
<i>Julho de 2014, Gaziantep, Turquia</i>	147
SHARMEENA, KADIZA, AMIRA E SHAMIMA	
<i>Dezembro de 2014, East London</i>	149
SABIRA	
<i>Abril de 2015, Walthamstow, Distrito Nordeste de Londres</i>	157

PARTE IV: CIDADÃS DA MORADA DO ISLÃ



ASMA, AWS E DUA

Janeiro de 2014, Raqqa, Síria 165

EMMA/DUNYA

Primavera de 2014, Raqqa, Síria 185

LINA

Outono de 2014, Tal Afar, Iraque 191

EMMA/DUNYA

Outono de 2015, Manbij, Síria 193

SHARMEENA, KADIZA, AMIRA E SHAMIMA

Fevereiro de 2015, East London 203

SHARMEENA, KADIZA, AMIRA E SHAMIMA

Julho de 2015, Londres e Raqqa 213

RAHMA E GHOUFRAN

Setembro de 2014, Zawiya, Líbia 216

NOUR

Agosto de 2014, Le Kram, Túnis 222

RAHMA E GHOUFRAN

Mai de 2015, Túnis 231*Junho de 2015*, Sousse, Tunísia 232

LINA

Março de 2016, Tal Afar, Iraque 234

PARTE V: AMOR E LUTO: O ETERNO CICLO



ASMA, AWS E DUA

Janeiro de 2015, Raqqa, Síria 239

LINA

Primavera de 2017, Raqqa, Síria 245

EMMA/DUNYA	
<i>Primavera de 2015, Manbij, Síria</i>	249
<i>Junho de 2016, Pequeno Vilarejo a Noroeste de Raqqa</i>	252
<i>Novembro de 2016, Vilarejo no Norte da Síria</i>	255
SHARMEENA, KADIZA, AMIRA E SHAMIMA	
<i>Dezembro de 2015, Raqqa, Síria</i>	257
RAHMA E GHOUFRAN	
<i>Fevereiro de 2016, Sabratha, Líbia</i>	260
<i>Maio de 2016, Prisão do Aeroporto de Mitiga, Trípoli, Líbia</i>	261
BETHNAL GREEN	
<i>Agosto de 2015, East London</i>	264
KADIZA	
<i>Maio de 2016, Raqqa, Síria</i>	268
SABIRA	
<i>Primavera de 2016, Walthamstow, Distrito Nordeste de Londres</i>	269
EMMA/DUNYA	
<i>Janeiro de 2017, em um Vilarejo no Norte da Síria</i>	281
<i>Outubro de 2017, Mesmo Vilarejo da Síria</i>	286
NOUR	
<i>Primavera de 2016, Le Kram, Túnis</i>	287
EPÍLOGO:	
AS IMPOSTORAS	295
AVISO AO LEITOR	333



PARTE I:
HERANÇA DE ESPINHOS

Se falo descontroladamente em meus poemas, falo contra a polícia

E se eu conseguir criar um poema é contra a polícia

Eu não escrevi uma única palavra, um verso, uma estrofe que não fosse contra a polícia

Toda a minha prosa é contra a polícia

— Miguel James

“[Presidente Ben Ali] fez um trabalho incrível na Tunísia e é muito respeitado em meu país, bem como no mundo árabe.”

— Congressista norte-americano Earl Hilliard, em sua terceira visita à Tunísia, 1999

Amostra

NOUR

Primavera de 2007, Le Kram, Túnis

APÓS O INCIDENTE DO NIQAB, NOUR FOI SUSPensa DA ESCOLA POR DEZ dias, enquanto as professoras e a diretora deliberavam como reagiriam a uma garota de 13 anos flertando com a religião. Ninguém chamou Nour para perguntar por que ela apareceu na escola usando um niqab ou se havia algo errado em sua casa. A garota só queria ser virtuosa, obediente ao seu Deus e garantir um lugar no céu; mas também era uma adolescente, e sua atitude desafiadora e de brincar com sua identidade a fazia se sentir viva. Porém, ninguém perguntou exatamente por que ela achava que cobrir o rosto era um dever religioso. Se tivessem lhe dado a chance de mencionar o sheik do YouTube, poderiam ter lhe informado que havia opiniões acadêmicas contrárias e, de fato, mais fortes e válidas. Em vez disso, a diretora convocou Nour e seus pais até a escola e, na presença de um policial com cara de desprezo, a fez assinar uma promessa de nunca mais cobrir o rosto ou o cabelo.

NO PERÍODO ENTRE SUA INDEPENDÊNCIA da França, em 1956, até a revolução de 2011, a Tunísia era considerada um país secular, mas a abordagem estatal da religião não era tão laica assim, era apenas autoritária. O Estado controlava como os tunisianos praticavam o Islã, até os aspectos físicos diários de sua devoção — ditando o que as mulheres podiam usar, quando os homens podiam ir à mesquita —, e o fazia com o escrutínio total de um Estado policial. O presidente Habib Bourguiba, que gover-

nou a Tunísia após a independência, encantou-se com o modelo francês de *laïcité* — o secularismo nas questões públicas, destinado a promover uma sociedade laica — e, quando assumiu o cargo, colocou o aprendizado e o ensino islâmicos sob o controle total do Estado.

Ao fazer isso, derrubou séculos de tradição. A Tunísia era um país com uma profunda herança islâmica que remonta ao final do século VII, quando os árabes tomaram o controle do Norte da África das mãos do Império Bizantino. Embora as fronteiras do mundo islâmico mudassem continuamente ao longo do tempo, expandindo-se até a Espanha e a Sicília, a região de Túnis permaneceu firme no centro dos sucessivos impérios muçulmanos. Al-Zaytuna, o coração histórico de aprendizado religioso da Tunísia, datava de 737 E.C. Quando Bourguiba assumiu o poder, ele o fechou. Aboliu os tribunais religiosos, transformou os imãs em funcionários públicos e censurou textos religiosos usados nas escolas. Tentou acabar com o jejum durante o Ramadã, argumentando que os tunisianos não poderiam se desenvolver se não abandonassem esses hábitos dogmáticos; bebeu suco de laranja em rede nacional de televisão durante o mês sagrado para demonstrar seu ponto de vista. Assim como muitos dos construtores da nação modernizadores do século XX no Oriente Médio, ele acreditava que a sociedade precisava de crescimento e disciplina para se modernizar e acompanhar o Ocidente, e que o Islã inibia esses fatores.

Zine el-Abidine Ben Ali, que tomou o poder de Bourguiba em 1987, usou a religião como instrumento para estabelecer sua autoridade. Ele permitiu que as rádios comesçassem a transmitir o chamado à oração, fez a peregrinação do haje a Meca e realizou festivais sufistas populares, promovendo um islamismo tunisiano tutelado e “moderado” que, como etos, tornou a completa submissão ao Estado um princípio central.

Em 1989, ele permitiu que candidatos do Ennahda, o movimento de oposição religiosa, participassem das eleições, mas, quando obtiveram êxito, Ben Ali os torturou e os aprisionou. Ele também fechou mesquitas e ampliou as restrições ao uso do hijab. Mesquitas eram trancadas fora dos horários de oração, e a polícia patrulhava as ruas ao raiar do dia, fiscalizando quem havia se levantado para a oração do amanhecer.

Apesar de tudo isso, o Estado não conseguiu transformar tunisianos em sufis ou protoparisenses seculares; a maioria permaneceu muçulma-

na tradicional conservadora. Sob o braço de ferro da repressão, expressar o controle de sua religiosidade se tornou um meio de desafiar o Estado. Mulheres jovens como Nour, que cresceram curiosas em relação à religião, costumavam assistir a sheiks em canais de satélite transmitidos pelos países do Golfo, cuja abordagem ao Islã era muito mais rígida e puritana do que a escola “Zaytuna”, típica da Tunísia durante séculos.

Gerações de jovens tunisianos cresceram identificando-se como muçulmanos, mas sua devoção e identidade religiosa estavam impregnadas de significado político. Para muitos, ser religioso tornou-se uma linguagem por meio da qual exigir liberdade da intromissão do Estado na vida cotidiana.

QUANDO A ESCOLA VOLTOU A funcionar, uma semana depois, Nour apareceu no café da manhã de pijama. Sua mãe disse que ela era jovem demais para tomar suas próprias decisões sobre seu futuro e que era melhor se vestir. A garota concordou. Mas o incidente dobrou sua convicção de usar o niqab e, agora, em vez de se trocar sorrateiramente na padaria após sair, ela o vestia em casa à vista de todos, o usava pelas ruas e só o tirava do lado de fora da escola. Na sala de aula, ela se sentia um fantasma, uma garota que os professores se recusavam a olhar ou falar.

“Você deveria usá-lo também”, disse ela à mãe, em tom reprovador. A mãe de Nour, uma dona de casa com outros quatro filhos para cuidar, não sabia o que dizer para a afrontosa filha adolescente, que frequentemente a repreendia para que levasse o Islã mais a sério. Para Nour, a mãe não tinha uma opinião ponderada sobre o motivo de não cobrir os cabelos além de evitar a humilhação nas ruas e visitas à delegacia. Essas eram opiniões fracas, pensava; nem consistiam de fato em um posicionamento, eram apenas um instinto básico de autopreservação.

Em um episódio que se tornou famoso, o presidente Bourguiba chamou o véu de “aquele trapo miserável” e o banuiu das escolas e repartições públicas em 1981. Havia imagens granuladas em vídeo em que aparecia arrancando o véu branco da cabeça de uma mulher de meia-idade, em plena rua no dia do festival Eid, no final do Ramadã; a mulher parece assustada e envergonhada, e tenta puxá-lo de volta, mas o presidente empurra sua mão como se estivesse corrigindo uma criança e dá um tapinha

em seu rosto com ar indulgente. Desde 1981, as tunisianas eram proibidas de cobrir a cabeça em espaços públicos, como escolas, universidades, bancos e prédios do governo.

Assim como outros modernizadores da região — Kemal Atatürk, na Turquia, e Reza Shah Pahlavi, no Irã —, Bourguiba não defendeu explicitamente que as mulheres abandonassem o islamismo, mas deixou claro que queria que elas *agissem* de maneira secular: que se misturassem, com as cabeças descobertas, à companhia do sexo oposto, que usassem roupas ocidentais modernas. Além disso, ele concedeu às mulheres direitos de voto, no casamento e de guarda dos filhos, que rapidamente tornaram as tunisianas as mais alfabetizadas, educadas e independentes do mundo árabe. No mausoléu de Bourguiba está gravado LIBERTADOR DE MULHERES, mas se ele era o libertador de todas mulheres ou de apenas algumas só ficaria claro nas gerações seguintes.

A mãe de Nour, como muitas de sua geração, seguia esse modelo de forma pragmática, pois havia mais pessoas do que empregos na Tunísia, e ela tinha uma família para sustentar. Todos viram o que aconteceu às famílias das mulheres mais obstinadas do bairro, mulheres teimosas que insistiam em cobrir os cabelos e se envolver em ativismo religioso. Essas famílias viviam com os nervos à flor da pele, entrando e saindo de delegacias de polícia, à beira da pobreza, com pais, maridos e filhos presos ou exilados por atividades dissidentes. A mãe de Nour contava essas histórias macabras com frequência, esperando que a filha entendesse algumas verdades básicas: a história da mulher que se casou com um islamita e se deparou com vários policiais arrancando os véus das convidadas na sua recepção de casamento; as histórias sobre incursões noturnas na casa dos suspeitos de atividade “religiosa”.

A mãe contou a Nour sobre uma mulher que morava a três quarteirões. Durante uma invasão noturna à sua casa, ela foi estuprada por policiais e ficou muda por um ano inteiro. “Um ano inteiro, Nour, ela não pronunciou uma palavra. Toda semana, perguntávamos: ‘Ela disse alguma coisa?’ E a resposta sempre era: ‘Não, ainda não.’”

Nour sabia que essas histórias deveriam assustá-la, mas ela permaneceu inabalável. “Se fosse fácil, não seria uma provação, seria? Allah impõe as maiores provações àqueles que mais ama.” Era verdade, de acordo

com o Alcorão, mas essa frase também se tornara uma noção popular filtrada através de lentes cor-de-rosa entre as adolescentes muçulmanas.

Depois de alguns meses vivendo como um fantasma na escola, Nour disse a seus pais que não aguentava mais. “Pelo menos termine e obtenha seu diploma”, proferiu a mãe. Mas a garota não achava possível aprender alguma coisa quando se sentia tão ultrajada pelos professores. De qualquer maneira, nada entrava em sua cabeça, não conseguia aprender a representar graficamente um átomo ou as características de uma hipotenusa. Para quê?

Ela abandonou a escola em 2009. Agora, passava as manhãs em casa ajudando a mãe a limpar e cozinhar. Depois do almoço, lia o Alcorão. A mesquita do bairro tinha uma sala de oração onde as meninas podiam se encontrar para conversar e discutir religião, e foi lá que ela ficou amiga da esposa do imã.

Nour gostou da risada animada e da conversa franca da esposa do imã, das pequenas lições que esclareciam aspectos da religião — lições sobre a atitude mental a ser aplicada à oração e a importância da caridade, e como ela é enobrecedora. A mulher contou a Nour histórias sobre os profetas, sobre Moisés e Jesus e, acima de tudo, histórias sobre as virtudes do Profeta Muhammad. O Profeta disse: “Proteja-se do Fogo do Inferno, ainda que seja doando meia tâmara em caridade. Se não conseguir, então ofereça uma palavra gentil.” Nour podia se virar com meia tâmara; e sentir que era capaz de ajudar os outros, mesmo tendo tão pouco, era animador. Ela não era tão impotente quanto pensava. Quando a esposa do imã convidava outras mulheres para um círculo de discussão, Nour geralmente tinha vergonha de falar. Mas ouvia com avidez e absorvia tudo.

ASMA

Verão de 2009, Raqqa, Síria

ERA UM DAQUELES DIAS PERFEITOS, ENSOLARADOS, QUANDO O CÉU SOB Raqqa era da cor dos vidros turquesas de Herat; a baklava da confeitaria tinha gosto de pedacinhos do paraíso, e Asma quase se convencera de que podia ser feliz nessa cidade provincial, bastava ter Hisham ao seu lado e todos os seus dias serem como esse.

Começaram com café pela manhã no Negative Café, onde Hisham tentava levá-la há semanas, depois que ela reclamou que Raqqa não tinha cafeterias modernas. Era razoável — cadeiras de couro branco, paredes com colagens de fotos em preto e branco, como se alguém tivesse tentado imaginar Paris dos anos 1950 —, mas ela fez questão de estampar um belo sorriso para mostrar que apreciava o esforço de Hisham. Ela sentiu os olhares de escrutínio das outras mulheres enquanto eles saíam. Preferiria que as outras pessoas estivessem vestidas de maneira mais elegante; isso lhe daria algo para olhar e pensar. Para Asma, não era especialmente satisfatório ser a mulher mais bem vestida do lugar; apenas significava que estava no lugar errado.

Caminharam pelas ruínas de Qasr Al-Banat, o Castelo das Damas, as estruturas que o califa abássida Harun Al-Rashid construiu quando mudou a capital de Bagdá para Raqqa no século XII. Eles se sentaram para fumar nos degraus, espantando as moscas enquanto o calor do meio-dia aumentava, sufocante. Hisham sugeriu nadarem perto da Ponte Velha,

mas na verdade a sugestão era de que *ele* poderia nadar, pois ela não estava disposta a entrar no Eufrates de roupa.

Asma tentava se entusiasmar com Raqqa, sua nova cidade, porque amava e desejava Hisham. Ele era esbelto, com cabelos pretos encaracolados, olhos cor de mel e um atraente nariz adunco. Seus pais eram bem de vida segundo os padrões locais, e ele tinha uma personalidade de menino privilegiado: brincalhão, entendia-se com facilidade, oscilava entre o recato e a imoralidade. Mas ela achava Raqqa em si decepcionantemente tediosa. Asma crescera em Damasco e só se mudara para a cidade (“chegava mesmo a ser uma cidade?”, pensou ela) no final da adolescência, quando seus pais decidiram voltar à cidade natal de sua mãe. Sentia falta do burburinho e do glamour da capital: as festas na piscina, os hotéis cinco estrelas, os turistas e estudantes de idiomas de todo o mundo, os restaurantes modernos, o ar cosmopolita do lugar. Damasco parecia conectada à pulsação do século XXI, enquanto Raqqa não parecia nada além de uma cidade fluvial religiosamente diversa e bastante pacata.

Asma estudava marketing na Universidade Al-Hasakah, a 45 minutos de ônibus a nordeste de Raqqa. Passava a maior parte do tempo livre lendo e na internet, assistindo, aprendendo e desejando fazer parte do mundo exterior. Ela queria saber o que todos no Ocidente estavam lendo, comendo, vestindo, ouvindo, pensando. Para ela, o marketing parecia um bom caminho para levá-la da Síria, com sorte para bem longe de Raqqa, a um mundo mais amplo. Ela queria interagir com estrangeiros, talvez até trabalhar em turismo ou marketing turístico, qualquer coisa global. Suas prateleiras eram repletas de livros — de Dan Brown, Victor Hugo e Hemingway ao escritor e filósofo egípcio Taha Hussein. Ela estava no Facebook e no Instagram, ouvia Coldplay e, como as mulheres de todo o mundo, achava que havia algo de inexplicavelmente desinteressante em Angelina Jolie. Ela lia em inglês o máximo que podia e começou a usar o idioma para certos termos que pareciam exigí-lo: *relaxation, money, power*. Só tinham um som diferente em inglês. Ela se sentia uma jovem moderna e cheia de aspirações, e foi por isso que a sugestão de Hisham de que ela começasse a usar o hijab a perturbou tanto.

Foi em uma noite na qual, após jantarem hambúrgueres, estavam no carro, conversando, parados no final de uma tranquila rua sem saída, em

um bairro abastado com *villas* que Asma gostava de admirar. Hisham enlaçou seus dedos nos dela e disse: “Um homem tem expectativas diferentes de uma esposa e de uma namorada. Por que sua beleza deveria estar à vista de todos?” Falou sobre o quanto a considerava preciosa, e como desejava possuir uma parte dela só para ele.

Essa foi a primeira vez que tocou no assunto, ela não conseguia acreditar no que estava ouvindo. Eles já tinham passado tempo juntos na praia, ela de biquíni amarelo, saia curta, top, tudo muito confortável e descontraído. Seus irmãos não se importavam, seu pai não se importava, e ela achava que o namorado também não.

“Você tem acesso privilegiado a uma parte especial de mim”, respondeu ela. “Meu coração.”

Hisham disse que queria uma parte mais *visível* dela só para ele.

Será que duvidava de sua castidade? Será que era coisa dos pais dele?

“Se quiser se casar comigo, vai ter que cobrir os cabelos”, afirmou ele categoricamente.

“Hisham, a fé está aqui”, alegou ela, tocando os dedos na altura do coração. “Não aqui” — e passou as mãos pelos cabelos e depois pelo corpo. “Você me amou primeiro sem hijab. Por que agora diz que tenho que usá-lo?”

Ele deu de ombros. “Não posso mudar essa parte de mim que deseja isso. Ela é imutável.”